

# A igreja do colégio beneditino de Nossa Senhora da Estrela de Lisboa: génese, destruição e recuperação/reinvenção de um património

Sílvia Ferreira

IHA/FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Avenida de Berna, 26-C, 1069-061 Lisboa, Portugal  
silvia.a.s.ferreira@gmail.com

## Resumo

A antiga igreja beneditina do colégio de Nossa Senhora da Estrela de Lisboa conheceu ao longo da sua história várias intervenções que lhe moldaram tanto a feição arquitectónica como a dos seus interiores. Reconstruída em inícios de setecentos, a sua história patrimonial é recheada de episódios fracturantes. Em finais do século XVIII, o espaço conventual é ocupado pelo exército. Nos anos trinta de 1900, os militares optam pela venda do espólio artístico da igreja, no entanto, o mesmo exército, em 1946, empreende um esforço de localização das peças originais com vista à reconstrução dos interiores do templo e da sua abertura ao culto. A antiga igreja da Estrelinha apresenta-se actualmente como um caso de estudo exemplar. As múltiplas acções dos agentes responsáveis pelo seu património testemunham, não só o gosto vigente em cada cronologia, mas essencialmente o entendimento do valor patrimonial dos objectos, alvo das diversas acções dos seus responsáveis a cada momento histórico.

## Palavras-chave

Beneditinos  
Igreja de Nossa Senhora da Estrela  
Barroco  
Destruição  
Reconstrução

The church of the Benedictine convent of Our Lady of Estrela in Lisbon: foundation, destruction and repair/reinvention of a heritage

## Abstract

The former Benedictine church of the College of Our Lady of Estrela in Lisbon knew, throughout its history, various interventions that shaped both its architecture and distinctive interior features. The history of this building starts with its reconstruction in the XVIII century thanks to the patronage of a benefactor of the Benedictine order. Later on, the occupation of the convent by the army from the late eighteenth to the twenty-first century led to several actions towards its artistic objects: in 1930 the army decided to sell all the religious objects that belonged to them and sold almost all the artistic assets of the former Benedictine church of Our Lady of Estrela. However, in 1946, the same army decided to carry out restoration works in order to reactivate the cult. The several interventions in this building witness not only the current taste in each timeline, but essentially the understanding of its heritage value, subject of the various actions from the agents responsible for them in each historical moment.

## Keywords

Benedictines  
Church of Our Lady of Estrela  
Baroque  
Destruction  
Reconstruction

ISSN 2182-9942



## Introdução

Na sequência do estudo do espólio documental legado pelo historiador de arte norte-americano Robert C. Smith à Fundação Calouste Gulbenkian reconhecemos as diligências feitas pelo autor no sentido de publicar um artigo sobre a igreja do antigo colégio beneditino de Nossa Senhora da Estrela de Lisboa. O historiador de arte norte-americano tinha localizado no arquivo Distrital de Braga, no fundo dos mosteiros beneditinos, um conjunto de documentos denominados “Estados”, os quais descreviam triénio a triénio de abadessado, as obras mais relevantes levadas a cabo por cada uma das casas dos padres de S. Bento. Robert Smith ocupou-se em extrair desse manancial de informação a concernente a obras de intervenção arquitectónica e, genericamente, de encomendas de obras de arte destinadas ao colégio da Estrela de Lisboa. De posse dessas informações, deparou-se com uma notícia fornecida por Ayres de Carvalho, relativa à encomenda, em 1729, do retábulo-mor da igreja, sem, contudo, fornecer indicação que permitisse localizar o documento [1]. É neste contexto que se situa o pedido que o historiador americano dirigiu ao director da Torre do Tombo, ao tempo José Pereira da Costa, em carta datada de 26 de Julho de 1971. Solicitava, concretamente, a gentileza da localização do contrato de obra, que intuía pertencer ao fundo de cartórios notariais de Lisboa, à guarda daquela instituição [2].

Localizado o referido documento, Robert Smith avançou com a publicação do seu ensaio, intitulado: “Dois Estudos Beneditinos” [3].

O presente texto, em torno das encomendas de arte destinadas a esta igreja, teve como ponto de partida o mote dado por este artigo escrito pelo historiador norte-americano para o boletim da Academia Nacional de Belas-Artes.

A igreja de Nossa Senhora da Estrela dos padres de S. Bento, localizada na freguesia lisboeta homónima, tem sido alvo de referências esporádicas na bibliografia olissiponense [4] e na de história e história da arte, sem, contudo, ser agraciada com uma abordagem mais intensiva e análise problematizada dos contornos atribulados da sua longa história (Figura 1).

O grande prospecto arquitectónico, a influência na mole urbana, e a projecção sociocultural exercida pela comunidade e pelo edifício da mesma ordem, localizado uns metros mais abaixo, S. Bento da Saúde, subtraiu ao colégio da Estrelinha, como era comumente conhecido, protagonismo na história do conjunto dos edifícios religiosos edificados ou reedificados na cidade de Lisboa, na época barroca. No que se refere a bibliografia coetânea da construção da actual igreja do colégio, reconhecemos igualmente um tratamento bastante sumário acerca do edifício. Por exemplo, o *Mappa de Portugal*, da autoria do padre João Bautista de Castro, em segunda edição,



**Figura 1.** Fachada da igreja de Nossa Senhora da Estrela, Lisboa.

datada de 1763 [5, p. 295], dedica-lhe cinco parcas linhas, informando o leitor de pouco mais do que da data da sua construção e dos efeitos do terramoto de 1755. Já a *Corografia Portuguesa*, no seu tomo terceiro, narra mais detalhadamente as circunstâncias que envolveram a fundação do convento e seus principais mecenas e fundadores, referindo apenas sobre a igreja: “está em sítio alegre, com deliciosa vista, tem a porta para o Sul, & hum delicioso terreyro” [6, pp. 514-515]. A licença para a impressão deste Tomo III data de 1709, precisamente o ano do arranque das obras de reedificação da igreja da Estrela, pelo que qualquer descrição mais circunstanciada dos interiores da igreja não teria sido possível ao cronista.

Outra fonte bibliográfica incontornável e, regra geral, de grande aporte informativo sobre a feição dos interiores dos monumentos religiosos de Lisboa, em inícios de setecentos, a *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*, sendo um manuscrito redigido cerca de 1708, não abarca os anos das obras de reedificação da igreja dos frades da Estrela, nem a cronologia permite que o seu autor se pudesse pronunciar sobre obras no interior [7].

A escassez das fontes directas, proporcional àquelas indirectas, remeteu o estudo do renovado complexo conventual e da sua igreja para a esfera dos breves apontamentos acima referidos.

De facto, terá sido, até hoje, o historiador de arte Robert Smith quem dedicou maior atenção às questões relacionadas com as sucessivas obras de reedificação e ampliação do complexo arquitectónico e da sua igreja, e as correspondentes obras de arte encomendadas para engrandecer os seus interiores.

A história da igreja do colégio da Estrela tem sido abordada em contextos latos, inseridas as informações em publicações dedicadas ao conjunto arquitectónico composto pelo Hospital Militar Principal e pela igreja, como são, por exemplo, aquelas dirigidas pelo próprio Hospital Militar Principal [8-9]. Obviamente, a história deste Hospital escrevia-se também em torno da igreja que a instituição herdou dos frades beneditinos, e assim foi abordada, enquanto um elemento entre outros, certamente de maior relevância para aquela instituição do exército, mas não analisada e pensada à luz dos critérios metodológicos próprios da história da arte.

Para além das publicações acima mencionadas, o primitivo templo beneditino de Lisboa surge mais vivamente recordado por via das obras de arte que acolheu, como foi o caso das telas de André Gonçalves, estudadas pelos historiadores de arte José Alberto Machado [10] e Susana Cavaleiro Gonçalves [11], ou dos túmulos de pedraria, que despertaram a atenção da igualmente historiadora de arte Teresa Leonor Vale, no âmbito do seu projecto de pós-doutoramento sobre tumulária barroca em Portugal [12].

Sobre as obras setecentistas de reedificação do edifício da igreja e os encomendadores e artistas responsáveis pelas artes que lhe rechearam os interiores, pouco se sabia, pois os “Estados” beneditinos, que Robert Smith revelou, apesar de constituírem uma mais-valia para a

história das intervenções arquitectónicas e encomendas de obras de arte, apenas elencam essas diligências, não sendo seu objectivo a referência aos contextos específicos em que as obras tiveram lugar, nem aos seus mecenas e artistas.

Afortunadamente, ao iniciarmos uma investigação mais acurada sobre a antiga igreja beneditina da Estrela e as suas obras de arte, localizámos um manuscrito que se revelou fundamental para a compreensão dos factos que rodearam a sua reedificação nos primórdios de setecentos, contemplando a transformação dos seus interiores, pela constante encomenda de obras e aquisição de objectos de culto, até ao seu abandono definitivo nos primeiros anos de oitocentos, quando o espaço conventual e a igreja são cedidos ao exército. O referido manuscrito intitula-se “Diatario do Collegio de Nossa Senhora da Estrela da Congregação de S. Bento” [13]. Nele se narra a história do convento da Estrela, desde a sua fundação até ao abandono definitivo. Escrito nos primórdios do século XIX, o cronista encarregado da tarefa compila para memória futura as notícias históricas mais relevantes da vida conventual e do próprio complexo arquitectónico, constantes de documentação diversa, dispersa no cartório do convento, aliás, amiúde citado.

O manuscrito divide-se em três partes. Por razões óbvias, utilizaremos para as matérias a serem trabalhadas neste texto, apenas uma ínfima parte das informações veiculadas por este documento.

O primeiro capítulo da primeira parte intitula-se: “Em que se trata da Fundação deste Mosteiro ate a sua primeira reedificação”. Nele, o cronista ocupa-se em descrever a fundação do convento, os primórdios da vida consagrada naquele espaço e os principais mecenas liderados pela corte e mimetizados por um vasto séquito de nobres e membros destacados da sociedade. De resto, esta primeira parte de descrição compagina-se com o já bem conhecido texto de Frei Leão de S. Tomás, cronista da ordem [14, p. 419], acrescentando, no entanto, dados mais concretos e actuais, já que a Crónica de Frei Leão de S. Tomás data de 1651.

Será, no entanto, o capítulo segundo da primeira parte, “Em que se trata da dita reedificação deste mosteiro que faz a sua segunda Epoca”, que nos ocupará neste texto, pois a feição arquitectónica que a igreja adquiriu nos primórdios de setecentos, bem como os equipamentos que lhe valorizaram os interiores são aqueles que, com maiores ou menores alterações, chegaram até nós.

## Génese

### O encomendador e a encomenda

Figura central para o desígnio dos frades beneditinos na reedificação da sua igreja foi o “homem de negócios”, António Gomes Lopes. Tanto no “Diatário”, como em demais documentos, a sua acção em prol, quer da reconstrução da igreja em moldes condignos, quer do seu

correspondente recheio decorativo, ecoa em múltiplos testemunhos.

Desde logo, no “Diatário”, em contexto de evocação dos mecenas e amigos do convento, surge a referência ao seu nome como principal encomendador e promotor das obras da nova igreja, remetendo igualmente para o facto consequente do seu sepultamento na capela-mor.

Sobre a vida pessoal e profissional deste “homem de negócios”, modo como é referido pelos beneditinos, pouco se conseguiu apurar. Escasseiam informações concretas sobre a natureza dos negócios a que se dedicava, a composição do seu núcleo familiar (sabe-se apenas que tinha uma esposa de nome Luzia Maria, e que não tinha filhos) e o seu contexto social. Sabemos que morava a Santa Apolónia, na freguesia de Santa Engrácia, dado constante do ajuste que assinará em 3 de Julho de 1700 com os padres de S. Bento, e que tinha por amigos de confiança e parceiros de negócios os seus testamenteiros, António de Gouveia, morador na rua das Madres, bairro do Mocambo e Luís Monteiro Correia, morador no mesmo bairro [15, fls. 59-60].

Enquanto grande mecenas do colégio da Estrela, a sua intenção documentada iniciou-se em 1700, aos três dias do mês de Julho, data em que contrata a cedência



**Figura 2.** Pedra sepulcral do carneiro de António Gomes Lopes. Capela-mor da igreja de Nossa Senhora da Estrela, Lisboa.

da capela do Santo Cristo para seu sepultamento e da sua mulher e familiares, com os religiosos beneditinos, na pessoa do seu reitor frei João de Távora [15, fls. 59-60].

Sobre este primeiro desígnio de António Gomes Lopes não podemos atestar se teve prosseguimento imediato. De facto, o projecto para o seu local de sepultamento terá mudado radicalmente com a intenção de, no contexto da reedificação da igreja, custear as obras da nova capela-mor, que se instituiria como novo local do seu descanso eterno (Figura 2).

## As obras de arquitectura e pedraria

Recorrendo uma vez mais ao testemunho do “Diatário”, somos informados que em 1709 contrataram um arquitecto de nome João Nunes. Sobre este mestre arquitecto não localizámos elementos que nos possam indicar informações sobre a sua biografia pessoal ou profissional.

Afortunadamente, sobre o mestre pedreiro, João da Cruz, que tomará sobre si a tarefa de executar todos os trabalhos de obras de pedraria na igreja, conhecem-se alguns elementos sobre a sua vida profissional revelados por Maria João Pereira Coutinho na sua dissertação de doutoramento. Sabemos que era morador em Lisboa, no sítio de Alcântara [16, vol. II, pp. 353-354]. Para além da relevante obra de pedraria que executou para a igreja de Nossa Senhora da Estrela, os outros dados apontam apenas para intervenções suas em contexto de arquitectura civil, quer como executante, quer como avaliador de obra [16, vol. II, pp. 353-354]. Quanto a Manuel Francisco, que se oferece como fiador do seu colega, a sua actividade está também ainda escassamente documentada, conhecendo-se apenas dois contratos de obra [16, vol. II, p. 378].

A 26 de Março de 1715, os padres de S. Bento de Nossa Senhora da Estrela contratam-se com o mestre pedreiro João da Cruz [17, 16, pp. 208-211].

Sobremaneira relevante, em nosso entender, é a presença do arquitecto Pascoal Rodrigues [18, pp. 60-62] que assina como testemunha deste contrato de obra de pedraria. Apesar de não ser referida no texto do ajuste qualquer intervenção sua directa na obra que se contratava, o facto de estar presente ao acto, bem como o carácter bastante descritivo do documento, indicia supervisão de obra por si delineada. Figura ainda pouco estudada no âmbito da arquitectura de finais de seiscentos e princípios de setecentos, Pascoal Rodrigues, “O Ilheo”, forma como assinava as suas obras, ficou conhecido da historiografia da arte pelo projecto que desenhou, destinado à edificação do convento dos Teatinos de Lisboa. A sua proposta não terá sido ganhadora, mas o facto de lhe ter sido encomendado o risco aponta para o seu prestígio à época como mestre arquitecto [18-19].

O seu percurso profissional tem ficado, contudo, obscurecido pela fulgurante carreira do seu filho, igualmente mestre arquitecto e entalhador, Santos Pacheco de Lima, certamente formado na sua oficina. Santos Pacheco destacou-se no panorama artístico da Lisboa

barroca como um dos mais operativos e requisitados entalhadores, com obra que ultrapassa os estreitos limites da cidade capital [18, pp. 59-69; 20].

## A obra de talha

Finalizadas as grandes obras de pedraria da nova igreja de Nossa Senhora da Estrela, importava dar início às que recheariam o seu interior, nomeadamente a capela-mor, local assegurado e destinado ao sepultamento do seu mecenas, António Gomes Lopes.

No instrumento de obrigação que contratualiza a obra de talha revela-se a data de ajuste do mesmo, vinte e nove de Junho de 1729, o nome do mestre executante da obra, Domingos Pereira Lobo, o nome do encomendador, António de Gouveia, como testamenteiro de António Gomes Lopes, o montante que o mestre recebeu ao assinar do contrato, trezentos mil réis e o prazo de entrega do trabalho, seis de Janeiro do ano seguinte, dia consagrado às festividades em honra de Nossa Senhora da Estrela.

No essencial, o contrato informa que

se obrigua elle mestre entalhador fazer o retabolo da dita Cappella mor, de madeira de bordo da melhor que ouver, tudo de talha e na forma do risco que asinado por elles partes fica em poder delle administrador cuja parte he que estão os Signais deles partes [...] e estando taobem presente seo Pay Joseph Pereira Lobo do mesmo officio morador na rua da Condeça ao Carmo per [...] se oferece e fica por fiador e principal pagador do dito seo filho [21].

Complementando a informação do contrato de obra, o “Diatário” revela que

o Retabolo he igualmente perfeito, rico, e bem acabado com excelentes e suaves escadas para se sobir ate á maquina do throno, todo he dourado com muita perfeição e riqueza pello insigne Mestre dourador Joao Chrisostomo que se ajustou para dourar tudo por dentro e por fora por 2:400\$000 e de entalhador havia de importar outro tanto que se fosse hoje seria tudo em dobro [13, fl. 18].

Para além do ajuste notarial que encomendava o retábulo destinado à capela-mor, localizámos a quitação passada pelo mestre entalhador Domingos Pereira Lobo, na qual se dá por pago e satisfeito pela encomenda executada. O documento data de vinte e seis de Agosto de 1730 e a ele estiveram presentes o mestre entalhador e, novamente, António de Gouveia [22]. Nesta quitação, confessa o mestre entalhador ter recebido dois contos trinta e sete mil e duzentos réis. No entanto, a avaliação de obra, efectuada por dois mestres peritos na arte, terá apontado para uma quantia superior na ordem dos dois contos setenta e sete mil novecentos e setenta e cinco réis. Domingos Pereira Lobo, num gesto de cordialidade para com a administração das obras da capela, decide perdoar o montante da diferença da avaliação, quarenta mil setecentos e setenta e cinco réis.

Este instrumento de quitação completa as informações fornecidas pelo contrato de obra, pois revela-nos, não só

a morada mais exacta do entalhador, “morador ao Cunhal das Bolas”, portanto ao Bairro Alto, como nos permite conhecer o montante final pago pelo testamenteiro de António Gomes Lopes. No contrato de execução da obra, Domingos Pereira Lobo referia ser morador na Calçada do Combro. Consultados os róis de confessados da freguesia de Santa Catarina, freguesia à qual pertencia a referida Calçada, o nome de Domingos Pereira Lobo não se localizou. Só depois desta referência ao “Cunhal das Bolas”, no Bairro Alto, se logrou localizar o mestre e o seu agregado familiar, moradores, então na freguesia da Encarnação e não naquela de Santa Catarina como a primeira informação fazia crer.

A expressão supra citada, utilizada pelo cronista do “Diatário”, não andou longe da verdade: “e de entalhador havia de importar outro tanto que se fosse hoje seria tudo em dobro”.

## Os mestres: o entalhador Domingos Pereira Lobo e o dourador João Crisóstomo

Domingos Pereira Lobo permanece uma figura obscura no panorama artístico da cidade de Lisboa das primeiras décadas de setecentos. A única referência conhecida ao seu nome era precisamente aquela que Ayres de Carvalho fez, ao atribuir-lhe esta obra da capela-mor da igreja dos beneditinos da Estrela, reforçada por Robert Smith quando publicou na íntegra a transcrição do contrato, no seu supra mencionado texto.

O nome de Domingos Pereira Lobo surge documentado pela primeira vez, em Fevereiro de 1721, numa obrigação de execução de obra de talha para a Irmandade de Nossa Senhora da Soledade do convento de S. Domingos [23, fl. 31 v.]. Apesar de existir o registo deste contrato, na documentação dos Livros do Distribuidor dos cartórios notariais de Lisboa, o documento do contrato de obra não deverá ter subsistido, pois não se encontra no conjunto dos documentos notariais à guarda do ANTT.

No decorrer da investigação, lográmos localizar uma outra referência documentada, datada de 2 de Novembro de 1727. Nesta data, o mestre assina como testemunha no contrato de obra do seu colega de ofício Manuel da Costa, o qual se tinha ajustado com a Irmandade de Santa Ana e Sagrada Família, cita no convento da Santíssima Trindade de Lisboa, a fim de executar o retábulo da irmandade homónima. Para além de Domingos Pereira Lobo, assina também o arquitecto Custódio Vieira [24].

Uma derradeira referência ao mestre surge a 22 de Julho de 1741 num ajuste notarial sobre um prazo foreiro à capela instituída pelo Padre António Barbosa, situada no convento dominicano da Rosa, em Lisboa, de que era administrador o entalhador Domingos Pereira Lobo [25]. Tanto o contrato de obra de 1721, que celebra com a irmandade de Nossa Senhora da Soledade de S. Domingos, como esta ligação ao convento também dominicano de Nossa Senhora da Rosa, como administrador de uma capela, poderão indiciar uma relação mais forte de Domingos Pereira Lobo com os padres de S. Domingos, a ser confirmada em estudos futuros.

De posse da morada do mestre, intentámos localizar a sua casa através dos registos dos róis de confessados da freguesia a que pertencia. Sendo morador “ao Cunhal das Bolas”, a freguesia da Encarnação seria certamente a sua, assim como a Rua da Barroca, o seu local de morada mais concreto. De facto, localizámos o mestre, em 1734, morando na “Rua da Barroca Sinistra”, com sua mulher Josefa Maria, a sua filha Faustina, ao tempo, menor, e um aprendiz de nome Luís António [26]. Nos anos seguintes, até 1743, o mestre continua na mesma morada com o mesmo agregado familiar, mudando apenas, o número de escravas. Em 1744, a família Pereira Lobo ausenta-se da sua casa, pois não há registos seus nos róis de confessados. No ano de 1745 são referenciados a morar na mesma freguesia, mas agora na Rua das Partilhas. Em 1746 surge como novo morador Francisco Pereira, estudante. Em 1748, Domingos Pereira Lobo é referido como viúvo e está acompanhado por Anastácio Pereira Lobo, referido anteriormente como escravo. Seria filho de Domingos Pereira Lobo e, possivelmente, terá sido legitimado pelo pai depois da morte de sua mulher Josefa Maria. No último ano em que temos referência à família, 1749 (ano da morte de Domingos Pereira Lobo), os moradores eram o próprio, acompanhado do filho recém-legitimado e duas criadas.

No que refere ao seu pai, José Pereira Lobo, também pouco se sabe sobre a sua actividade profissional. Até agora, a única referência ao seu nome surgia no testamento do seu colega de profissão Matias Rodrigues de Carvalho, morador à Ermida dos Fiéis de Deus, o qual refere que tem uma obra em curso na igreja do colégio jesuíta de Santarém (altar de Nossa Senhora da Glória) que deverá ser acabada pelo seu colega de ofício, José Pereira Lobo [27-28]. José Pereira Lobo era morador na Rua da Condessa, ao Chiado, freguesia dos Mártires, à data da celebração do contrato de obra do altar-mor da igreja da Estrela. Veio a falecer aos vinte dias de Março de 1746, junto à antiga igreja das Chagas de Cristo, numa rua que existiria entre a Rua das Chagas e a Rua da Emenda, tendo ficado sepultado no adro da igreja da Encarnação [29].

Igualmente registado nos arquivos paroquiais da freguesia da Encarnação, livros de óbitos, encontra-se o assento do falecimento da mulher de Domingos Pereira Lobo, Josefa Maria, que terá falecido a onze de Setembro de 1747, de “acidente” [30, fl. 203].

Quanto ao mestre Domingos Pereira Lobo, virá a falecer em 1749, menos de dois anos depois da sua mulher, a 5 de Março de 1749, igualmente de “acidente” [30, fl. 232 v.].

O facto de ambos os cônjuges terem falecido “de acidente”, segundo o seu assento de óbito, levantou-nos algumas questões sobre o sentido da expressão à época. Rafael Bluteau, informa que “acidente” pode ser usado pela medicina significando: “o que sobrevem de perigoso ao doente, no tempo da sua doença, como o sono profundo, o fastio, o não poder dormir etc”. Pode também ser sinónimo de desmaio, acaso ou acontecimento [31, p. 70].

Através dos seus assentos de óbito somos informados que deixaram duas filhas religiosas num convento em Viana do Alentejo (referiam-se provavelmente ao convento de Jesus, da ordem de S. Jerónimo, único convento feminino à época em Viana do Alentejo) [32] e que foram ambos sepultados na igreja do Carmo. Sabemos, por registos de óbitos e testamentos de mestres entalhadores e outros artistas que, na igreja do Carmo existia a Ordem Terceira do Carmo, que acolhia no seu seio nobres e artistas. Muito provavelmente, este sepultamento dos dois cônjuges na igreja do Carmo testemunha a sua pertença à Ordem Terceira [28, pp. 263-265].

No que diz respeito ao mestre dourador, João Crisóstomo, que terá executado todo o trabalho de douramento “por dentro e por fora” do altar-mor, pela quantia de dois contos e quatrocentos mil réis, a historiografia de arte não tem sido profícua em dados sobre a sua actividade laboral. Os poucos de que actualmente dispomos foram editados por Jorge Ferreira Paulo, em texto dedicado ao pintor dourador Bernardo da Costa Barradas [33], e mais recentemente por Pedro Flor e Susana Flor em obra versando a irmandade dos pintores de S. Lucas, de Lisboa [34, pp. 91, 93, 168 e 171]. João Crisóstomo, referido como morador na Rua Nova do Almada, está identificado a trabalhar para a irmandade do Santíssimo Sacramento da igreja de Santo André de Lisboa a 12 de Outubro de 1734 [33, p. 260]. Neste ajuste notarial compromete-se, não só a dourar toda a obra de talha, mas igualmente a pintar de brutesco o tecto da igreja [33, p. 260].

Testemunha no final do contrato, Manuel Francisco Barroso, pintor, morador ao Mocambo, certamente colega de João Crisóstomo e, provavelmente, um dos intervenientes na obra.

Este ajuste de obra reveste-se de uma insuspeita relevância no contexto dos estudos sobre as valências dos mestres pintores e douradores da época barroca, em Portugal. Como já tivemos oportunidade de escrever em outro texto [35], a polivalência destes artistas é confirmada em variados contratos de obra, nos quais se obrigam a efectuar uma série de trabalhos que se inseriam tanto nas modalidades de cavalete, como naquelas de pintura de brutesco ou de douramento e estofado de imagens. Relevante neste ajuste é, precisamente, o facto de João Crisóstomo ser contratado para realizar toda a obra de pintura, englobando douramento, estofado de imagens, brutescamento de tectos, pintura de fingidos e pintura de cavalete.

A próxima notícia sobre o labor do mestre coloca-o a 5 de Março de 1735 a celebrar contrato de obra em parceria com o seu colega Bernardo da Costa Barradas, a fim de pintarem e dourarem a capela de Nossa Senhora da Copacabana, da igreja do convento dos Grilos [33, p. 260]. Menos de três meses mais tarde, João Crisóstomo “larga, cede e traspaça a ametade da dita obra que lhe toca” ao seu colega Bernardo da Costa Barradas [33, p. 260].

Uma derradeira informação recolhida em cartório notarial dá conta de um empréstimo de duzentos mil réis

pedido por João Crisóstomo a Francisco da Silva, mestre ladrilhador efectuado a 20 de Setembro de 1735. Como fiadores a esta obrigação notarial encontram-se presentes os mestres entalhadores José de Matos e Francisco Ferreira, moradores às Olarias [36].

## Destruição e reconstrução/reinvenção

O destino do colégio e igreja dos padres beneditinos de Nossa Senhora da Estrela começa a ser traçado em 1797 no momento em que a coroa requisita parte do edifício do colégio para receber os feridos das guerras peninsulares:

Sua Magestade foi servida destinar o Collegio da Estrella para servir de Hospital para as tropas Inglezas que tem chegado a esta capital; e ordena a Vossa Reverendissima que haja de fazer despejar sem a menor perda de tempo o referido Collegio para nelle se proceder as acomodaçoens necessárias, tendo Vossa Reverendissima cuidado de fechar a Igreja e sacristia para que não tenha comunicação alguma com o dito Hospital [13, fls. 24v-25].

Atente-se que a escolha do local para acolher as tropas inglesas poderá ter sido influenciada pela existência do cemitério daquela nação em terrenos confluentes com a cerca do então colégio da Estrela. Desde inícios do século XVIII que se documenta a existência naquele local de um espaço destinado ao enterramento de ingleses e holandeses, considerados hereges e, portanto, obrigatoriamente sepultados em local distinto do dos católicos [37].

Embora se tenha salvaguardado nesta ordem que, a igreja e algumas dependências ficariam fechadas ao contacto dos ocupantes da recém-criada enfermaria, a verdade é que passados poucos anos e com a extinção das ordens religiosas, dá-se o definitivo abandono do espaço pelos religiosos, ficando a igreja e demais instalações do antigo convento à guarda do Estado. Funcionando o Hospital com intermitências, anos em que nas suas dependências estiveram instaladas a Aula de Escultura, a Academia de Belas-Artes ou ainda a Academia de Desenho da História e Arquitectura Civil, foi definitivamente criado por decreto de D. Maria II em 2 de Dezembro de 1852, o Hospital Militar Permanente de Lisboa [9, pp. 29-31].

No entanto, para o destino do espaço que abordamos neste texto, a igreja, significativa foi a decisão do exército em alienar a maior parte dos bens de arte sacra que possuía em igrejas e outras dependências por si geridas. É, precisamente, em inícios de 1930 que o Ministério da Guerra envia a todos os estabelecimentos sob alçada militar, a ordem para que elaborem uma listagem nominal e numérica das peças de culto que possuem nas suas dependências e a enviem directamente para o Museu Militar [38]. As peças consideradas de interesse para o Museu ficariam à guarda da instituição, enquanto as outras seriam vendidas, à peça, em leilões, promovidos pelo próprio Museu, ou nos locais onde as obras se

encontravam. Dispersaram-se, assim, ao sabor da sorte, por múltiplos compradores [39, pp. 1-19].

Quanto ao recheio da igreja do antigo colégio da Estrela, a documentação aponta para a sua venda quase integral, com excepção dos dois grandes túmulos pétreos da capela-mor, das pinturas de André Gonçalves e de parte da azulejaria da igreja.

O processo de venda dos altares, peças de maior valor e de difícil escoamento, está bem documentado, sabendo-se que os dois altares da nave fronteiros e junto à capela-mor foram adquiridos pelo pároco José Nogueira, da freguesia de Almagreira, Pombal [40]. Estes dois altares foram, posteriormente vendidos pelo mesmo pároco à comissão de reconstrução da igreja de S. João Baptista do Lumiar, de Lisboa, a fim de colmatar a falta daqueles que arderam no incêndio que esta igreja sofreu a 7 de Fevereiro de 1932 [38].

Os outros dois foram arrematados pelo Tenente Manuel Aboim Ascensão Sande Lemos, um destinado à capela do “Refúgio Aboim Ascensão”, em Faro, e o outro a uma casa de que era possuidor [38].

Quanto ao altar-mor, apesar de ter sido arrematado em leilão pelo padre Cândido Augusto de Sousa, da freguesia de Pelariga, Pombal, a 26 de Novembro de 1931, sabe-se que a 9 de Agosto de 1932, o referido pároco ainda não tinha ido levantar a obra [38]. Tendo o padre Cândido

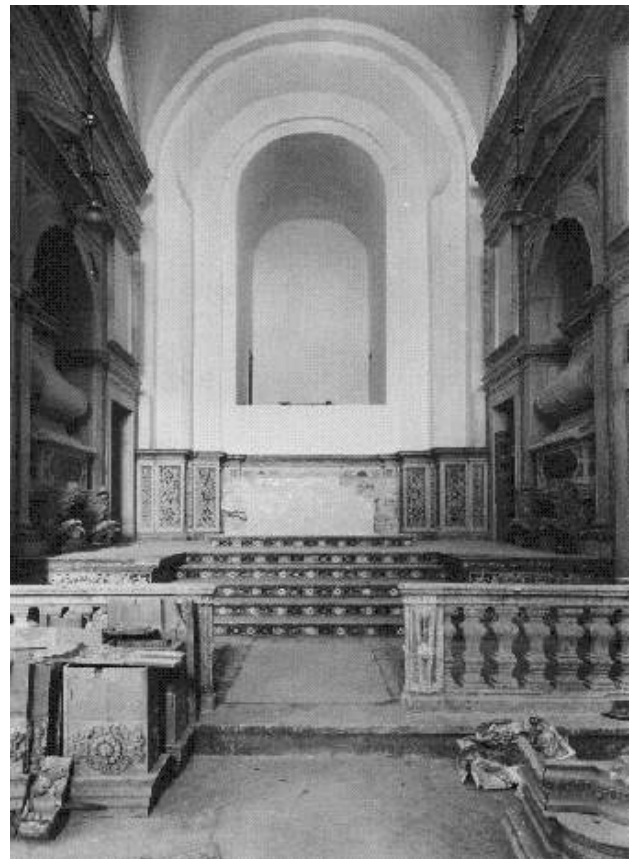


Figura 3. Igreja de Nossa Senhora da Estrela, Lisboa. Obras em curso no ano de 1946. Arquivo Municipal de Lisboa, Kurt Pinto, PT/AMLSB/KPI/000087.



**Figura 4.** Igreja de Nossa Senhora da Estrela, Lisboa. Obras em curso no ano de 1946. Arquivo Municipal de Lisboa, Kurt Pinto, PT/AMLSB/KPI/000088.



**Figura 5.** Igreja de Nossa Senhora da Estrela, Lisboa. Obras em curso no ano de 1946. Arquivo Municipal de Lisboa, Kurt Pinto, PT/AMLSB/KPI/000089.

de Sousa desistido da compra, apesar de ter entregado o sinal, restou o segundo comprador interessado, o Cônego António Rebelo dos Anjos, pároco de Santiago do Cacém, que se desloca a Lisboa para ver o altar. A 18 de Setembro de 1932 escreve ao director do Museu Militar, referindo que viu a obra e concluiu que

a talha está incompleta porque lhe faltam as arcadas superiores ao entablamento, tendo apenas a parte inferior que para nada nos serve. A talha que ainda resta está, de resto muito mutilada [38].

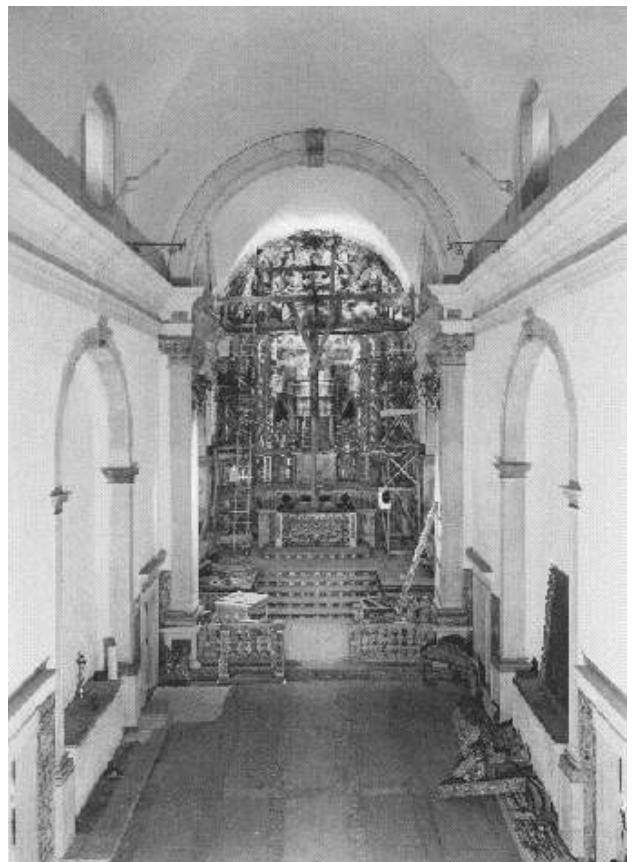
Desculpando-se pelo facto de não ter ido mais cedo verificar o estado do altar, renuncia à compra pelos motivos expostos.

Sobre o destino final da talha da capela-mor que, a julgar pelas informações veiculadas pela documentação, não conseguiu ser vendida em hasta pública, a próxima notícia só chegará em 1946, altura em que, por iniciativa do Ministro da Guerra, se procede às obras de restauro da igreja com o intuito de se reactivar o culto. A esta acção não terá sido alheia o retomar de boas relações com

a Santa Sé firmadas pela Concordata de 7 de Maio de 1940 [41].

Completamente esvaziada do seu espólio, a dignificação dos seus interiores dependia das opções a serem tomadas pelos artistas destacados para o efeito. As obras de restauro foram lideradas pelo construtor civil M. A. Pereira Lima, que testemunhou o deplorável estado em que se encontrava o interior da igreja quando, pela primeira vez, a avaliou (Figuras 3-6).

Seguindo de perto o testemunho de Pereira Lima, somos informados que o tecto da capela-mor ainda mostrava vestígios de “uma boa pintura, que ali tivera”. Em vista do panorama desolador de abandono e de ausência de equipamentos artísticos, a solução encontrada foi simplesmente limpar e reparar o espaço e pintar e caiar paredes e tectos. No entanto, a solução minimalista não terá agradado ao então Ministro da Guerra que, em visita ao espaço, recomendou que se guarnecesse a igreja com obras de arte. Neste sentido, Pereira Lima foi encarregado de procurar nos depósitos do Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), as peças que poderiam ser colocadas na recém-renovada igreja. O autor refere que se sabia que, outrora, a igreja tinha tido cinco altares de talha, o mor e quatro na nave. Apesar dos seus esforços em encontrar um altar de talha no MNAA, que pudesse enquadrar-se no espaço, agora vazio, do altar-mor da igreja da Estrela, as



**Figura 6.** Igreja de Nossa Senhora da Estrela, Lisboa. Obras em curso no ano de 1946. Arquivo Municipal de Lisboa, Kurt Pinto, PT/AMLSB/KPI/000086.

suas diligências não surtiram efeito. Meses mais tarde, e fortuitamente, segundo relata, terá encontrado na igreja matriz de Telheiras, antiga do convento de Nossa Senhora das Portas do Céu, o altar que tinha pertencido à igreja beneditina da Estrela. A partir desse momento, Pereira Lima giza uma intervenção completamente diferente para o restauro da igreja e recorre ao acervo do MNAA para completar o cenário que o espaço sugeria. Como refere o autor, nada estava no seu lugar, muito tinha desaparecido, mas subsistiam pistas e peças deslocadas, quer ainda em dependências anexas, quer em armazém na própria basílica do Sagrado Coração de Jesus.

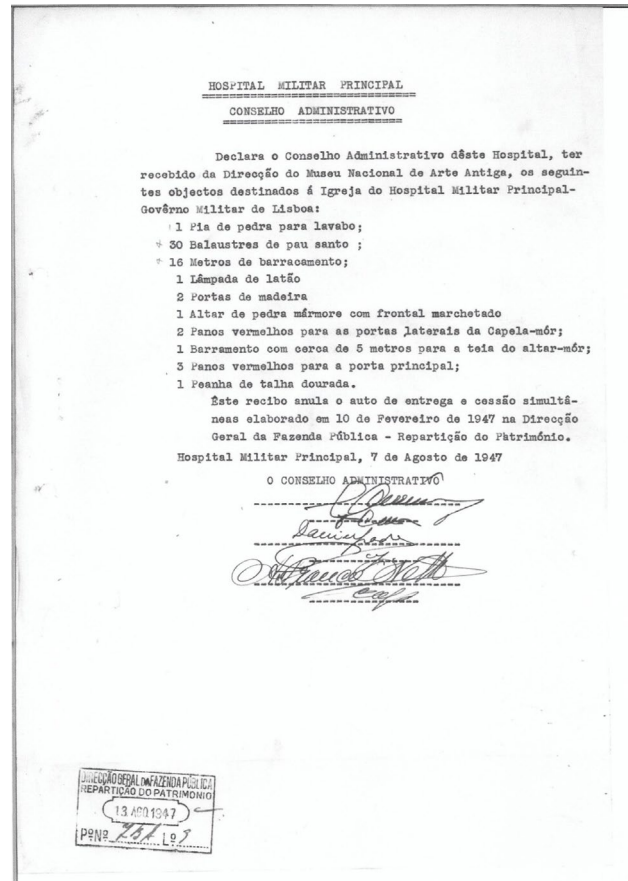
Assim, escolherá várias peças no MNAA, nomeadamente, um frontal de embutidos de mármore, substituindo os azulejos brancos que se encontravam colocados no mesmo frontal, 30 balaústres de madeira de pau-santo, que aplicará na obra da grade do coro e portas para os vãos laterais (Figura 7).

De posse destas peças, e reunindo aquelas que ainda conseguiu encontrar nos espaços do antigo colégio e na Basílica da Estrela, Pereira Lima procedeu à montagem da “sua igreja”, com base, certamente também, em testemunhos e documentos que não cita, mas que se entende que consultou.

As obras, que decorreram entre Agosto de 1946 e Junho de 1947, mês em que teve lugar a reabertura da igreja ao culto, são descritas com algum pormenor no relatório que publicou. A obra de que mais se orgulha no conjunto das intervenções que realizou, e que refere com entusiasmo, foi a da recuperação e montagem do retábulo-mor.

Segundo compreendemos do seu relato, o altar apresentava-se com bastantes lacunas, que era preciso colmatar. As fotografias que acompanham o artigo do restaurador são elucidativas do estado em que chegou à antiga igreja da Estrela, aquela que tinha sido a sua mais relevante e emblemática peça. Fraccionada em múltiplos pedaços, o seu precário estado de conservação testemunhava cabalmente a incúria e o descaso com que tinha sido desmontada e posteriormente acondicionada. [41, p. 6].

Completado o trabalho de montagem das peças de talha no seu lugar, era necessário proceder ao douramento do conjunto. Três propostas foram apresentadas depois do Tribunal de Contas ter visado o despacho do Ministro das Obras Públicas, a 25 Abril de 1947. Das três propostas apresentadas, será a de Pereira Lima a escolhida, por propor o orçamento mais vantajoso, que abrangia a reparação da talha do altar-mor, incluindo um painel entalhado a rematar a falta que existia entre os dois nichos”, por oito contos de réis; “douramento a ouro de imitação da talha na parte superior, arquivoltas e anjos”, por dez contos de réis; “reparações com ouro de imitação em vários pontos da frente do altar”, três contos de réis; “douramento a ouro de imitação dos dois primeiros tramos do trono”, dez contos de réis, “douramento a ouro de imitação dos suportes das credencias”, por dois contos de réis, totalizando tudo, trinta e três contos de réis [42].



**Figura 7.** Recibo passado pelo Conselho Administrativo do Hospital Militar Principal ao Museu Nacional de Arte Antiga, Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças, Direcção Geral da Fazenda Pública, cessão de peças ao Hospital Militar Principal, PT/ACMF/DGFP1/LIS/LIS/BARTS/102.

## Nota final

De posse das informações acima referidas, resta questionar a essência do actual retábulo-mor, peça central da igreja de Nossa Senhora da Estrela, e aquela que nos coloca maiores questões (Figura 8). Robert Smith, no artigo supra citado, ocupa-se em encontrar semelhanças e dissemelhanças entre este altar e os seus congéneres lisboetas, executados em cronologias próximas, nomeadamente, com o da igreja de Santa Catarina, antiga dos padres paulistas do Santíssimo Sacramento. De facto, há paralelismos incontornáveis: as colunas salomónicas, os grandes atlantes, os imponentes florões ou ainda os nichos para os santos, que nos Paulistas ladeiam o sacrário e que aqui no retábulo da Estrela, na ausência do mesmo, flanqueiam um painel. A leitura de Smith, não deixando de ser correta, à luz dos novos dados é passível de várias interrogações. Em primeiro lugar, o estado de ruína em que se encontrava o retábulo, quando foi descoberto em Telheiras, terá permitido a sua reconstrução segundo o modelo original, ou terá antes aberto espaço para a “criação” de uma estrutura baseada naquelas que na capital e arredores se ofereciam como modelos? Quanta e qual da talha hoje observável será original e quanta terá

sido refeita em 1946/47? A verdade é que não possuímos nenhuma imagem do retábulo antes da sua desmontagem, no início dos anos 30, que possa ser confrontada com a obra final idealizada por Pereira Lima. É evidente que existirão peças que sobreviveram e que foram utilizadas, caso dos atlantes, das colunas, dos anjos adultos..., mas, até que ponto, as outras, de menor dimensão ocupam o lugar primitivo, é uma questão de difícil resposta.

No entanto, se enveredarmos por comparações, pensamos que, ao nível da modelação escultórica dos atlantes, por exemplo, estes encontram-se mais próximos daqueles que suportam o retábulo-mor da basílica de Castro Verde, do que daqueles da antiga igreja dos Paulistas. Sabemos que António Pimenta Rolim pintou o tecto da capela-mor da basílica alentejana [43, p. 258] e que, por coincidência, ou não, foi muitos anos vizinho de rua do entalhador Domingos Pereira Lobo. Rolim morava na rua da Barroca, do lado direito, e Pereira Lobo do lado esquerdo. Data de 15 de Setembro de 1730, uma procuração passada por António Pimenta Rolim, morador na rua da Barroca “e de partida para Mafra”, ao seu colega Manuel Pereira Gavião, morador na cidade de Beja, a fim de receber os quatrocentos mil reis que, por despacho da Mesa da Consciência e Ordens, como sócio na obra do dourado da igreja matriz de Castro Verde [44, fls. 89-89 v.]. Terão sido colaboradores na empreitada de Castro Verde? De modo semelhante, o facto de Pascoal Rodrigues, o pai de Santos Pacheco, estar presente ao

ajuste notarial da obra de pedraria da igreja da Estrela pode apontar para o envolvimento da família com aquele projecto e levar a supor que poderá ter sido Santos Pacheco a desenhar a obra de talha do altar-mor, como aliás poderá ter feito para a obra do altar-mor da basílica de Castro Verde. De Lisboa, nomeadamente, oriundo do antigo convento de Santa Marta é o retábulo-mor da igreja de Santo António do Estoril, para lá deslocado aquando do incêndio que vitimou esta igreja [45, pp. 82-84], e que também apresenta afinidades estilísticas com este da Estrela. Veja-se o perfil fechado do remate ou os nichos na predela que ladeiam o sacrário. Todas estas hipóteses são, por hora, meramente de trabalho e especulativas, pois a história e a história da arte, como disciplinas em perpétua actualização, são construções sempre passíveis de renovadas leituras e novos olhares.

## Agradecimentos

Este texto insere-se na investigação levada a cabo no contexto do nosso pós-doutoramento, intitulado *Presença, Memória e Diáspora: Destinos da arte da talha em Portugal entre o Liberalismo e a actualidade* (SFRH/BPD/101835/2014) a decorrer no Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa e apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia com financiamento participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do Ministério da Educação e da Ciência. A autora deseja agradecer ao senhor Director do Museu Militar



**Figura 8.** Capela-mor da igreja de Nossa Senhora da Estrela, Lisboa.

de Lisboa, o coronel Luís Sodré de Albuquerque, o interesse com que acolheu esta investigação e a gentil disponibilização da documentação referida ao longo do texto. Agradecemos ainda ao Dr. Nuno Grancho, a generosa partilha de informação sobre o espólio documental do Museu Militar de Lisboa concernente a obras de arte. Agradecemos também à Direcção do Hospital Militar Principal de Lisboa a facilidade no acesso ao espaço da antiga igreja do convento beneditino de Nossa Senhora da Estrela e a captação de imagens no seu interior. Cumpre-nos ainda reconhecer as generosas trocas de informações e os debates com as colegas Hélia Silva, Maria João Pereira Coutinho, Susana Varela Flor e Teresa Vale. Por último, ao Rui Manuel Mesquita Mendes, uma palavra de gratidão pela generosa partilha de informação documental e à Teresa Sande Lemos pelo contacto estabelecido com o Refúgio Aboim Ascensão.

## Referências

- 1 Carvalho, A., 'Novas revelações para a História do Barroco em Portugal', *Belas Artes. Revista e Boletim da Academia Nacional de Belas Artes* **20** (1964), 45-46.
- 2 'Carta endereçada ao director da Torre do Tombo', manuscrito, Fundação Calouste Gulbenkian – Biblioteca de Arte, Lisboa, Fundo Robert Chester Smith, caixa 1, documento 3b (1971).
- 3 Smith, R., 'Dois Estudos Beneditinos', *Boletim da Academia Nacional de Belas-Artes*, Academia Nacional de Belas-Artes **27** (1972), 69-101.
- 4 'Mosteiro de Nossa Senhora da Estrela / Hospital Militar Principal', in *Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA)*, [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=11277](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=11277) (acesso em 2016-03-03).
- 5 Castro, J., *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*, tomo III, parte V, Lisboa (1763), <http://purl.pt/436>.
- 6 Costa, A., *Corografia Portuguesa*, Lisboa (1712), <http://purl.pt/434>.
- 7 Lima, D. (ed.), *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa (1972).
- 8 Cortes, V., *Hospital Militar Principal*, Lisboa, Hospital Militar Principal (1992).
- 9 Reis, C., *Do Collegio da Estrela ao Hospital Militar Principal*, Lisboa, Hospital Militar Principal (2002).
- 10 Machado, J., 'André Gonçalves: um pintor do barroco português', tese de doutoramento, Universidade de Évora (1992).
- 11 Gonçalves, S., 'André Gonçalves e a pintura de cavalete em Portugal no tempo de D. João V (1706-1750). O caminho da internacionalização', dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa (2002).
- 12 Vale, T., 'Tumulária portuguesa do Maneirismo e do Barroco. Surgimento, definição e difusão de tipologias morfológicas e programas iconográficos', projecto de de pós-doutoramento, Fundação para a Ciência e a Tecnologia (2004-2007).
- 13 'Diário do Collegio de Nossa Senhora da Estrela da Congregação de S. Bento. Mandado escrever Pello M. R. P. P. Fr. Francisco Pacheco de Santa Maria Mayor Dom Abbade do dito Collegio, 1800', manuscrito, Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, códice 733 (1800), <http://purl.pt/26463>.
- 14 São Thomas, L., *Benedictina Lusitana*, vol. 2, Coimbra (1651).
- 15 'Contrato celebrado entre António Gomes Lopes e os religiosos de S. Bento da Estrela', manuscrito, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Cartório Notarial de Lisboa, n.º 1, ofício A, caixa 75, livro 321 (1700).
- 16 Coutinho, M., 'A Produção portuguesa de obras de embutidos de pedraria policroma (1670-1720)', tese de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2012).
- 17 Carvalho, A., 'Documentário artístico do primeiro quartel de setecentos, exarado nas notas dos tabeliães de Lisboa', *Bracara Augusta* **27**(63/75) (1973) 48.
- 18 Carvalho, A., 'Novas revelações para a história do Barroco em Portugal', *Belas Artes. Revista e Boletim da Academia Nacional de Belas Artes* **20** (1964) 60-62.
- 19 Gomes, P., 'As iniciativas arquitectónicas dos Teatinos em Lisboa, 1648-1668 (mais alguns elementos)', *Penélope – Fazer e Desfazer a História* **9-10** (1993) 73-82.
- 20 Ferreira, S., 'A talha dourada do altar-mor da igreja de Santa Catarina, em Lisboa: a intervenção do entalhador Santos Pacheco', dissertação de mestrado, Universidade Lusíada de Lisboa (2002).
- 21 'Contrato de execução do retábulo-mor da igreja de Nossa Senhora da Estrela de Lisboa', manuscrito, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Cartório Notarial de Lisboa, n.º 3, caixa 114, livro 488 (1729).
- 22 'Instrumento de quitação da obra do retábulo-mor da igreja de Nossa Senhora da Estrela de Lisboa', manuscrito, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Cartório Notarial de Lisboa, n.º 3, caixa 114, livro 496 (1730).
- 23 'Contrato de execução do retábulo da irmandade de Nossa Senhora da Soledade do convento de S. Domingos de Lisboa', manuscrito, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, livros do Distribuidor, caixa 22, livro 85 (1721).
- 24 'Contrato de execução da talha da capela da irmandade de Santa Ana e Sagrada Família, sita no convento da Santíssima Trindade de Lisboa', manuscrito, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Cartório Notarial de Lisboa, n.º 3, caixa 111, livro 478 (1727).
- 25 'Ajuste notarial sobre um prazo foreiro à capela instituída pelo padre António Barbosa', manuscrito, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Hospital de São José, livro 400, documento 50 (1741).
- 26 'Róis de Confessados da Freguesia da Encarnação', manuscrito, Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa, Lisboa, livros de 1734 a 1749.
- 27 Simões, J., 'Arte e sociedade na Lisboa de D. Pedro II – Ambientes de trabalho e mecânica do mecenato', vol. 2, dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2002).
- 28 Ferreira, S., 'A talha Barroca de Lisboa (1670 - 1720). Os artistas e as obras', vol. 1, tese de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2009).
- 29 'Assento de óbito de José Pereira Lobo', manuscrito, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Arquivo Paroquial da Freguesia da Encarnação, Óbitos (1736-1754).
- 30 'Assentos de óbito de Domingos Pereira Lobo e de sua mulher', manuscrito, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Arquivo Paroquial da Freguesia da Encarnação, Óbitos (1736-1754).
- 31 Bluteau, R., *Vocabulario Portuguez, e Latino*, vol. 1, Coimbra (1712), <http://purl.pt/13969>.
- 32 'Convento de Jesus/Mosteiro de Jesus', in *Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA)*, [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=32388](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=32388) (acesso em 2016-03-12).
- 33 Paulo, J., 'Bernardo da Costa Barradas: Um pintor-dourador de Lisboa (1706-1747)', *Cadernos do Arquivo Municipal* **1** (2014) 251-275, <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/num1/artigo010.pdf> (acesso em 2017-06-22).

- 34 Flor, P.; Flor, S., *Pintores de Lisboa. Séculos XVII-XVIII. A Irmandade de S. Lucas*, Lisboa, Scribe (2016).
- 35 Ferreira, S., 'Dourar e pintar: a polivalência artística dos mestres douradores de Lisboa na época barroca', *Conservar Património* **22** (2015) 7-16, <https://doi.org/10.14568/cp2015017>.
- 36 'Obrigação de empréstimo de duzentos mil réis pedido por João Crisóstomo a Francisco da Silva', manuscrito, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Cartório Notarial de Lisboa, n.º 1, ofício B, caixa 53, livro 585 (1735).
- 37 Ribeiro, J., 'O anglicanismo em Portugal do século XVII ao XIX', in *Estudos de Homenagem ao Professor João Francisco Marques*, vol. 2, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2001) 337-354, <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2879.pdf> (acesso em 2017-06-22).
- 38 'Documentos relativos à venda de artigos religiosos pelo Museu Militar durante os anos de 1930-32', manuscrito, Museu Militar de Lisboa, Lisboa, secção de arquivo, caixa 1.
- 39 Ferreira, S., 'O Património reinventado: o processo de alienação (1930) e de remontagem do espólio artístico da igreja do convento de Nossa Senhora da Estrela em Lisboa (1940)', in *Congresso Ibero-Americano Património, suas Matérias e Imatérias*, Lisboa, LNEC (2016), <http://www.academia.edu/30254083>.
- 40 'Recibo de 5 de Junho de 1932', manuscrito, Arquivo Paroquial da Igreja de S. João Baptista do Lumiar, Lisboa, Comissão de Reconstrução da Igreja Paroquial do Lumiar.
- 41 Lima, Pereira de, *A Restauração da Capela do Hospital Militar Principal*, Lisboa (1950).
- 42 'Igreja do Hospital Militar da Estrêla. Conclusão da capela e altar-mor', manuscrito, Direcção Geral do Património Cultural/Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, Lisboa, DGEMN: DSARH-0061/125-02/8/01.
- 43 Serrão, V., *História da Arte em Portugal. O Barroco*, Lisboa, Editorial Presença (2003).
- 44 'Procuração de António Pimenta Rolim a Manuel Pereira Gavião', manuscrito, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Cartório Notarial de Lisboa, n.º 3 caixa 114, livro 496, fls. 89-89 v.
- 45 Ferreira, S., 'A extinção das ordens religiosas em 1834 e o seu impacte na obra de talha de Lisboa' in *Lisboa e as Ordens Religiosas. Colóquio de História e de História da Arte. Actas*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa (2010) 73-87.

**Recebido:** 2017-3-20

**Revisto:** 2017-4-30

**Aceite:** 2017-5-25

**Online:** 2017-6-27



Licenciado sob uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.  
Para ver uma cópia desta licença, visite  
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.pt>.